

RESENHA - REVIEW - RESEÑA

DIALOGOS ENTRE SOCIOLOGIA E HISTÓRIA

DIALOGUES BETWEEN SOCIOLOGY AND HISTORY

DIÁLOGOS ENTRE LA SOCIOLOGÍA Y LA HISTORIA

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 134p. Tradução de Guilherme João Teixeira, com a colaboração de Jaime Clasen.

O livro *O sociólogo e o historiador* é uma compilação de entrevistas feitas pelo historiador Roger Chartier ao sociólogo Pierre Bourdieu no ano de 1987. Tais entrevistas foram elaboradas para o programa de uma rádio francesa *A Veux Nue*, que foi ao ar com essa conversa em fevereiro de 1988. O sociólogo francês Bourdieu faleceu em 2002 e em função disso, este programa foi reprisado naquele mesmo ano.

O prefácio é apresentado por Roger Chartier, Diretor de Estudos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, que afirma que tal publicação tem a intenção de apresentar - dispensando rótulos - a maneira de pensar de Pierre Bourdieu. Um Bourdieu, que segundo Chartier, se apresentava com tom entusiasta e divertido, diferente daquele sociólogo de anos posteriores, “confinado nos papéis que veio assumir por escolha ou por imposição” (BOURDIEU & CHARTIER, 2011, p.07). Bourdieu, um defensor convicto das rupturas científicas operadas por seu trabalho, mostrou-se durante as entrevistas, sempre disposto a dialogar com outras disciplinas das ciências sociais, especialmente com a história.

No período de gravação do programa, Bourdieu já era um sociólogo de renome e muito conhecido na mídia francesa, além de professor catedrático do *Collège de France*. Ainda sobre o período da entrevista, Chartier elenca alguns fatos importantes, que não podem ser negligenciados durante a leitura deste livro. Em



1988, a história continuava a ocupar o papel de disciplina com maior apelo público no panteão das ciências sociais, seja pelas grandes publicações ou pela inserção de historiadores na mídia e nos meios de comunicação de massa.

Além disso, grande parte dos historiadores franceses começava a se distanciar dos princípios de análise que haviam servido de base à dominação (pelo menos intelectual) dos *Annales*, optando nesta ruptura a preferência por fontes maciças que recebiam tratamento quantitativo e serial. Para além da questão documental, a história começava a interrogar a si mesma, e muitos historiadores procuraram responder e levantar questões relacionadas ao estatuto da história e a sua escrita. Historiadores como Paul Veyne, Michel de Certeau e Paul Ricoeur, apesar de muito distantes da maneira de pensar de Bourdieu, escreveram sobre a tensão existente entre a intenção do conhecimento proferido pela história e sua forma narrativa.

Bourdieu foi um crítico ferrenho dos historiadores, que segundo ele, universalizavam de forma arbitrária suas categorias de análise, além de não criticarem e muito menos interrogarem as formas de construção social destas categorias, consideradas como objetos naturais. No decorrer do livro Bourdieu desdobra suas críticas ao apresentar questões relacionadas ao trabalho do sociólogo e aos métodos utilizados no desenvolvimento de suas pesquisas.

Na primeira entrevista, intitulada *O ofício do sociólogo*, Bourdieu comenta sobre o fazer sociológico e o papel do intelectual na sociedade contemporânea, além de discorrer sobre os efeitos políticos de seu trabalho. Bourdieu afirma que, a figura do 'intelectual total', que desempenha um papel profético, caracterizado principalmente através da obra do filósofo Jean Paul Sartre, já não cabe mais na sociedade contemporânea. Essa incompatibilidade ocorre devido à impossibilidade e a recusa de abordagens totalizantes e a opção pelo fragmento e parcialidade das análises. Neste sentido, ele se aproxima da concepção de Michel Foucault sobre o intelectual fragmentado. Ainda nesta entrevista Bourdieu ressalta a discutida 'esquizofrenia' do fazer sociológico, já que o sociólogo que escreve encontra-se inserido em seu próprio objeto de análise.

Em *Ilusões e conhecimento*, Chartier propõe que a discussão se direcione para a ruptura promovida pelo trabalho de Bourdieu em relação à concepção clássica do papel do intelectual, já discutida na entrevista anterior. Para Bourdieu, as ciências sociais – ou/e os intelectuais deveriam fornecer ferramentas que permitam

desmontar os mecanismos de dominação na tentativa de promover uma retomada de posse do indivíduo por si mesmo. Nesta discussão o conceito de liberdade vem à tona. Para ele, esta categoria seria um dos maiores paradoxos da sociologia, passível de determinismos e deformações causadas por adesões políticas. Esta discussão se direciona para o conceito de cultura, que para Bourdieu, ocupa um lugar sagrado na sociedade contemporânea, uma espécie de religião.

A terceira entrevista, *Estruturas e indivíduo*, discute os problemas relacionados à abordagem do sujeito e das estruturas, categorias amplamente discutidas na história, na sociologia e na antropologia. Chartier e Bourdieu discutem a objetividade e a subjetividade na história e na sociologia, bem como as experimentações epistemológicas enfrentadas durante suas análises.

Em *Habitus e Campo* a entrevista é direcionada para o processo pelo qual os indivíduos interiorizam as estruturas do mundo social e as transformam em esquemas de classificação que orientam suas condutas e seus gostos. Na compreensão de tal processo, Bourdieu utiliza o conceito de *habitus*. O autor salienta que este é um conceito antigo, utilizado por Aristóteles, Santo Tomás de Aquino, Norbert Elias, dentre outros, o que ele fez foi reativá-lo e inseri-lo na análise acadêmica.

A noção de *habitus* em Bourdieu está inserida em um sistema de virtualidade que só é revelado quando empregado em determinada situação, produzindo algo. Nas palavras do próprio autor o *habitus* “é semelhante a uma mola, mas é necessário um desencadeador; e, dependendo da situação, ele pode fazer coisas opostas” (BOURDIEU & CHARTIER, 2011, p.65). Bourdieu considera este conceito importante, pois “permite lembrar que os agentes têm uma história, que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio” (BOURDIEU & CHARTIER, 2011, p.58).

Bourdieu define campo como um espaço estruturado de posições, no qual agentes estão em constante concorrência obedecendo a regras específicas. No posfácio, Chartier salienta que o conceito de campo possui pouca plasticidade histórica, característica que o torna complexo em seus usos e definições.

Em *Manet, Flaubert e Michelet*, última entrevista do livro, Bourdieu assinala as diferenças entre o campo artístico e intelectual, apontando-as como um problema sociológico. Bourdieu e Chartier discutem as diferenças plásticas entre os campos, onde a literatura e as artes são mais maleáveis e passíveis de construções críticas

mais aceitáveis pelo público, em contrapartida, a história e a sociologia adotam uma postura mais próxima do objetivismo. Tal objetivismo é mais evidente na escrita do sociólogo, que precisa sintetizar suas leituras, destacando aquilo que considera essencial, já o historiador, por se encontrar, em muitos casos, distante temporalmente de seu objeto de análise, possui maior liberdade narrativa.

Em *Pierre Bourdieu e a História*, tem-se o posfácio escrito em data posterior às entrevistas, precisamente no ano da morte de Bourdieu e já havia sido publicado na *Revista Topoi* do Programa de Pós Graduação em História da UFRJ. Neste caso, o posfácio conta com a participação de José Sérgio Lopes e Andrea Daher, que discutem a relação das obras do sociólogo com a historiografia, além dos comentários de Roger Chartier, que focou sua discussão nas obras de Bourdieu mencionadas durante as entrevistas.

Chartier traça aproximações e distanciamentos entre o conceito de *campo* em Bourdieu e Norbert Elais. Para estes dois autores, a sociologia não era definida como uma ciência social do presente já que ela não se definiria por um recorte cronológico particular. Sendo assim, a visão de sociologia de Bourdieu abarcava três dimensões: a sociológica - em suas técnicas e conceitualizações; a antropológica - em suas descrições; e a histórica - em suas perspectivas.

Considerando a importância do pensamento de Pierre Bourdieu para a escrita da história e para a possibilidade de discussão de novas categorias de análise incorporadas ao saber historiográfico, *O Sociólogo e o historiador*, apresenta-se como uma introdução acessível ao pensamento de Bourdieu. O livro possibilita um primeiro contato com os conceitos e as bases teóricas utilizadas no desenvolvimento de suas obras, além de promover uma profícua discussão destas categorias situadas no campo da história.

Por:

Sabrina Fernandes Melo, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH - UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Integrante da linha de pesquisa Arte, Memória e Patrimônio e bolsista CNPQ. E-mail: sabrina.fmelo@gmail.com

Resenha: Recebido em: Março/2013 Aceito em: Maio/2013
